

Santo Agostinho e a Realidade Social

Queremos voltar os olhos para Santo Agostinho, a fim de conhecer a situação social de sua época e saber como iluminou e tratou desse problema a partir de sua condição de líder religioso em Hipona.

As províncias romanas do Norte da África foram consideradas o “celeiro de Roma” por sua abundante riqueza agrícola: extensos campos de cereais, oliveiras e vinhedos. Dispunham ainda de bons canteiros de mármore e contavam com uma importante indústria têxtil. Não obstante, o próprio s. Agostinho se refere reiteradamente à pobreza reinante em sua região. E ele tinha a necessidade de instruir as pessoas para serem cidadãos que sabem partilhar com mais pobres e necessitados, dando a atenção solidária e fraterna na sociedade dos empobrecidos.

Tendo em vista os acomodados funcionários romanos e ricos latifundiários que possuíam propriedades que, às vezes, igualavam a extensão de uma cidade com até cento e cinquenta mil hectares. A mão-de-obra fácil e barata de uma grande multidão de escravos e camponeses, mal pagos que trabalhavam sem direitos. Os pobres careciam de terras, e muitos deles de trabalho.

Entre os menos favorecidos estavam os agricultores, ferreiros, carreteiros, criadores de gado e operários da construção civil. Sendo uma realidade não tão distante da nossa hoje em que muitos trabalham com mãos –de –obras baratas, sem direitos, que mal dá para pagar as despesas básicas para viver. Sem contar os milhões de pessoas que estão sem emprego, vivendo uma situação de vida desumana, mendigando um trabalho para sobreviver. Sendo às vezes no extremo, um trabalho escravo. (cf. Hamnan, A. G., La vida cotidiana em África Del Norte em tiempos de San Agustín, FAE- OALA, Iquitos – Peru, 1989).

As causas do desequilíbrio entre riqueza e pobreza certamente podem ser muito diferentes. Agostinho fala: “Não faltam pobres que o são por preguiça, negligência ou má-administração” (Sermão 164,5). Muitos são ricos, não porque trabalharam, mas porque os pais eram ricos e deixaram as heranças para os herdeiros. E outros são pobres porque herdaram a pobreza dos pais (cf. 61,10). Há os que ficaram reduzidos a pobreza porque alguma pessoa corrupta se apropriou de seus bens (cf. Sermão 14,8). Ou porque ficaram órfãos e outros roubaram os pertences (cf. Sermão 14,10).

Todavia, a causa principal de existir a pobreza é a avareza dos ricos (cf. Sermão 164,5), tanto nos meios utilizados para acumular riquezas como no afã de administrá-las tão somente em proveito próprio. Esquecendo do bem comum e os direitos das pessoas terem a vida com dignidade dentro da sociedade.

Portanto o argumento, de sensibilidade moderna, se enquadra dentro do âmbito do respeito à ordem social e ao bem comum de todos os membros da sociedade. Conceitos que poderíamos identificar nas ciências sociais e políticas da vida humana: o respeito, a justiça, a paz e a dignidade de vida para todos, sem distinção de ninguém. Pois o bem comum é para todos e o direito do bem viver é universal.



Alexsandro Antonio de Moura
(Coordenador de estudos)